

Magnífico Reitor, Prof. Jaime Arturo Ramirez; Prof. Antônio Flávio, Excelentíssimas autoridades, Magnífica Vice-Reitora, senhores Pró-reitores, Diretores, Chefes de Departamento, Coordenadores de Curso.

Prezados colegas professores e funcionários, caros estudantes, queridos convidados.

Minhas senhoras, meus senhores.

Agradeço à Câmara do Departamento de Química por ter encaminhado meu nome a esta Congregação. Agradeço de coração a generosidade de todos os colegas do Departamento de Química por tomarem a iniciativa de sugerir meu nome para tão honroso título e, em especial, aos professores Cláudio Luiz Donnici e Luiz Cláudio Barbosa por redigirem a petição.

Fiquei muito honrada quando soube pelo nosso diretor, prof. Antônio Flávio, ter a Congregação do ICEX me concedido o título de Professora Emérita, e a ela agradeço profundamente.

Também agradeço as palavras amigas dos professores Antônio Flávio e Dario Windmöller, chefe do nosso Departamento.

O título que agora recebo e que me coloca ao lado de tantos professores ilustres da UFMG não é apenas meu, pois afinal, somos *nós mesmos e nossas circunstâncias*.

Portanto, agradeço ao professor Aníbal da Silva Pereira, de saudosa memória, meu primeiro orientador na Iniciação Científica e à professora Marília Ottoni da Silva Pereira, minha orientadora no doutorado.

Agradeço ao ex-reitor Tomaz Aroldo da Mota Santos a oportunidade de ter sido Pró-reitora de Pesquisa da UFMG, assim como aos professores Dirceu Greco, Ana Maria Cardoso e Maria Elena Garcia que comigo compartilharam a equipe de gestão acadêmica, nesta pró-reitoria.

Agradeço, a meus familiares, minha mãe, irmãos; a meu marido Waldo Silva, pelo apoio constante; a meus filhos André e Lara, a meu genro Tiago e a meus netinhos João Lucas, Maria Flor e Davi, pela convivência enriquecedora.

Ressalto, dentre outras, algumas lembranças de pessoas e fatos que certamente ainda contribuíram para este momento.

- Na Pró- Reitoria de Pesquisa, os trabalhos:

com os professores Antônio Otávio Fernandes, Mário Montenegro Campos, Nagib Cotrim Árabe, Virgílio Almeida e o apoio do DCC para concretizar na UFMG, a consolidação do ponto de presença da RNP – POP, a aquisição do supercomputador e a criação do CENAPAD; em Minas Gerais, a implantação da REDEMINAS, abrindo o caminho da Internet em nosso estado;

com a professora Suzana Braga, da FACE, para a criação da CTIT.

- No Departamento de Química:

a formação dos muitos estudantes de pós-graduação e graduação;

o trabalho conjunto com os professores José Dias de Souza Filho e Rosemeire Brondi Alves no laboratório de RMN, o LAREMAR.

O tempo é curto para nomear todos que comigo participaram na busca do desenvolvimento da vida acadêmica. Portanto, evoco, cumprimento e agradeço a todos que participaram comigo a aventura de viver a UFMG e a Academia: mestres, alunos e colaboradores.

Enfim, agradeço a todos a alegria deste momento.

Evoco lembranças de minha vida quiçá já um pouco longa.

Nasci num tempo de guerra (1944). Vivi a juventude entre jovens revolucionários que queriam mudar o mundo. E conseguiram. Beatniks, hippies, existencialistas, vanguardas e correntes políticas, de posse das *armas da crítica* e da *crítica das armas*, romperam comportamentos, hábitos, culturas, ideologias: revoluções proliferavam nos cantos mais ocultos do Planeta, disseminando ideias que ofereciam um *futuro radiante e glorioso*. A confiança era o mundo encantado das revoluções comportamental, política, científica, tecnológica, cultural, sociológica. Revolução das mulheres pela igualdade de gênero, rebelião dos negros contra o racismo, levante das periferias do sistema social e econômico contra a miséria, resistência ao colonialismo, lutas de

libertação nacional; enfim, tempestades solapavam a sociedade velha, cujas bases não resistiram aos terremotos que, como se fossem cogumelos do outono, brotavam na primavera.

Assim, o que um “obscuro” filósofo grego havia previsto se confirmou: *tudo muda, exceto a mudança*. Personagens de dimensões grandiosas saltaram na história de um tempo mutante: Gamal Abdel Nasser, Ahmed Ben Bella, Mao Zedong, Ho Chi Min, Ernesto Che Guevara, Nelson Mandela, Patrice Lumumba; Federico Fellini, Luchino Visconti, Elvis Presley, Beatles, Rolling Stones, Simone de Beauvoir, Jean Paul Sartre, Herbert Marcuse; enfim, uma infinidade de personagens históricas preenchem nossos dias com suas ideias de *mudar o mundo*, romper o passado de barbárie que nos havia legado 50 milhões de mortos, nas insanidades da primeira metade do século XX.

Cito os versos:

E quem pensou que era uma maré, descobriu que foi um dilúvio.

Foi um tempo de guerra, de gritos e sussurros; memória não faltará.

E de tanto perder:

vencemos.

Na Universidade Federal de Minas Gerais, mergulhados nas turbulências e turbilhões do tempo, estudantes expressavam ideias políticas, pensavam as artes, a economia, as ciências e técnicas que aprendiam, mas, principalmente, mudavam o comportamento: o novo se livrava do velho rejeitando o que ele tinha de mais violento e de atrasado. No “murinho” do pátio que dava acesso ao saguão da Faculdade de Filosofia alunos de química, física, biologia, matemática, misturavam-se a filósofos, geógrafos, historiadores, estudantes de letras, jornalismo, pedagogia, psicologia, ciências sociais; todos mergulhados numa mesma aventura, que conduziu a espécie humana a um dos momentos mais criativos de sua história. Integrar esta aventura foi um privilégio indescritível.

Nossos mestres, Arthur Versiani Veloso, Pedro Parafita de Bessa, José Israel Vargas, Aluísio Pimenta, Francisco Magalhães Gomes, Herbert Magalhães Alves, dentre outros, compreendiam que *tudo valia a pena*; cautelosos, nunca

negaram o enredo. Na tentativa vã de impedir a liberdade de ser livre, a violência das ideias autoritárias foi derrotada: os governos militares não foram capazes de impedir que os ventos mutantes soprassem sobre o cotidiano. A Universidade reafirmou sua natureza libertária.

Vivi 53 anos dentro da UFMG, 45 como professora. A aposentadoria compulsória interrompeu esse curso. Mas, afinal, a vida é sábia: os jovens devem ocupar o seu lugar. São eles que perpetuam o melhor de nós.

Passado meio século, me deparo com uma universidade que evolui sob um estresse profundo; onde há poucos indicadores que apontam a “linha do horizonte”. Na vida atual a lama mata o velho rio; nuvens negras cobrem os céus de chumbo preenchidos de poeiras químicas, que impedem o calor de se dissipar no vazio do espaço. Definitivamente, há um efeito estufa que cobre os emergentes da “poeira de estrelas”. O mundo dos sonhos revolucionários foi substituído por um mundo em desencanto e desilusão; o progresso das ciências, a cultura, a acumulação do conhecimento, o “saber fazer”, não ofereceram à humanidade os frutos que prometiam. E nada justifica prosseguir o “faz de conta”: na verdade, nuvens sombrias enfumaçam nosso futuro. Porém, considerando a seta do tempo da aventura humana e a história da Universidade, tenho esperança na recuperação do vigor da luta por dias melhores.

Sempre me impressionou verificar entre as rachaduras dos passeios de concreto a presença de frágeis folhinhas verdes de gramíneas, persistindo em brotar. Quanta energia foi necessária para vencer aquele paredão? É nas rachaduras dos muros que passam o tempo e a mudança.

Assim, uma analogia sustenta a visão otimista do mundo: a complexidade faz aumentar a ordem; e indica a direção para a qual “caminha a humanidade”.

Turbulências e turbilhões povoam este “*mundo bizarro*”, onde *tudo muda para se repetir*, para se conservar; mas continua igual. E, parece que é assim a evolução, que tal como os rios do “obscuro” Heráclito, corre e não corre; *onde ninguém se banha duas vezes nas mesmas águas*: tudo muda, exceto a mudança.

Para encerrar, gostaria de repetir a mesma pergunta que um “anjo torto” fez a Carlos Drummond de Andrade:

E agora, José?

Você quer ir para Minas.

Mas, Minas já não há mais.

Ao poeta Aragon de concluir: *É assim que os homens vivem.*

Mas seus sonhos continuam a persegui-los.

Obrigada a todos.